

Travessias em poéticas virais

Tiago Amaral Sales¹

Resumo:

Quantos afetos são vividos por um corpo em territórios pandêmicos? Lutos e lutas pela preservação da vida em resistências e re-existências. Travessias... Este é um texto sobre travessias. Na verdade, as próprias escrituras são parte da travessia. Aqui componho um arquivo de poéticas virais que percorrem a minha travessia pelos territórios pandêmicos. Assim, reuni treze escritas poéticas que se fizeram de forma livre em diferentes momentos da pandemia de covid-19 nos anos de 2020 e 2021, dando vazão aos afetos que em meu corpo pediam passagem.

Palavras-chave: Poesia; Cartografia; Pandemia; Afetos; Desejos.

Abstract:

How many affections are experienced by a body in pandemic territories? Mournings and battles for the preservation of life in resistance and re-existence. Crossings... This is a text about crossings. In fact, the scriptures themselves are part of the crossing. Here I compose an archive of viral poetics that traverse my journey through pandemic territories. So, I gathered thirteen poetic writings that were made freely at different moments of the covid-19 pandemic in 2020 and 2021, giving vent to the affections that asked in my body for passage.

Keywords: Poetry; Cartography; Pandemic; Affections; Wishes.

¹ Licenciado e Bacharel em Ciências Biológicas, Mestre em Educação e Doutorando em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Integrante do UIVO – Matilha de estudos em criação, arte e vida (UFU); e do GPECS – Gênero, corpo, sexualidade e educação (UFU). Bolsista CAPES. E-mail: tiagoamaralsales@gmail.com

Puxando fios da memória, abrindo caminhos...

O ano de 2020 começou, para mim, cheio de esperanças. Talvez essa seja uma característica minha: finalizar um ano e começar o outro me preenchendo com esperanças, mesmo que, muitas vezes, delirantes e utópicas, em desejos e fantasias de algo por vir que, geralmente, é bem parecido com o que já era vivido. Tento me renovar com o réveillon, me abrindo para o novo ano que chega, mesmo que, quase sempre, não seja tão novo assim. Na virada de 2019 para 2020 não foi tão diferente. Algumas companhias, um certo refúgio após um ano tenso de governo bolsonarista. Sinto que, desde 2016, com o golpe que Dilma Rousseff sofreu, tem sido, cada dia mais, insustentável e enlouquecedor viver e resistir no Brasil. Caso você seja LGBTQIA+, de esquerda, mulher, negro e/ou viver com alguma deficiência ou condição física-corporal-cultural-subjetiva que te coloque à margem em uma sociedade produtivista neoliberal autodestrutiva que tenta descartar qualquer existência dissidente, o peso para a sobrevivência se acentuará.

De 2016 até 2019 as coisas foram se complicando. E eu, decidindo prosseguir os estudos nas humanidades, sobretudo no campo da Educação, já havia feito uma escolha: seguir resistindo em territórios que me queriam calado, quando não morto. De volta à virada de 2019 para 2020... Poderia eu imaginar o que viria com o ano que chegava? De longe, algumas notícias anunciavam um vírus novo que levava muitas pessoas a adoecerem e sucumbirem. Tive tempo de, sem saber, me despedir das aglomerações corporais em um último carnaval pré-pandêmico, mas, logo em seguida, tudo mudou. Após o carnaval brasileiro, essa nova existência viral foi tornando-se mais concreta, material e próxima. Os primeiros casos foram sendo oficialmente notificados no Brasil pelas agências de saúde e, rapidamente, toda minha rotina se alterou, forçosamente, à reclusão em casa.

Ao adentrar nos territórios pandêmicos, desequilibrei-me nas cordas bambas da vida de tantas formas jamais imaginadas. “Vírus: tudo o que é sólido se desfaz no ar”, reflete Boaventura de Sousa Santos (2020, p. 5). Com a chegada de um novo vírus, tudo se desfazia: a rotina, os encontros, até as coisas mais banais, como sair de casa, se desfizeram e demandaram novas aprendizagens cotidianas para ressignificá-las. Parece que as tantas práticas de cuidado, os ensinamentos aprendidos nas dores e delícias de ser o que sou², nas malandragens e suas sabedorias cotidianas de mais de duas décadas

² Inspirado na música Dom de Iludir, de Caetano Veloso.

resistindo a uma sociedade LGBTfóbica e moralista foram esvaziados pela iminência de um perigo que, para mim, era desconhecido.

As esperanças de revoluções com a pulverização do que conhecíamos como rotina foram rapidamente sobrepostas por novas artimanhas neoliberais que precarizaram, ainda mais, as nossas vidas, vulnerabilizando-nos, de diferentes formas, através de um trabalho remoto exaustivo, crises políticas, exposições virais forçadas, negacionismos, inflação descontrolada, altas taxas de desemprego. Em suma: todo um projeto para exterminar muitos corpos que de nada valiam para o Estado, na medida em que nos deixava mais refém das políticas capitalistas, colonialistas e neoliberais.

Na pandemia, eu vi a cara da morte em perspectivas que eram, para mim, desconhecidas. E, como Cazuzza³ já cantava, a morte parecia estar viva. Estas facetas outras da morte perdiam o ar rapidamente, sufocando-se em casa, nas ambulâncias, nos corredores e UTIs hospitalares, necessitando de tubos, oxigênio e, caso não resistissem aos danos virais e respostas imunológicas corporais, em poucos dias vinham a óbito e eram enterradas entre sacos e caixões lacrados, sem velório, ou com um “velório express”, como relata Renata Machado (2021) através de sua etnografia de um velório familiar. As despedidas, quando autorizadas por vozes médicas, aconteciam entre poucos próximos, povoadas de medos⁴. Distâncias físicas separaram tantos nos momentos de maiores necessidades. Restava buscar possibilidades outras de compartilhar afetos pelas telas e tecnologias⁵.

Minha proximidade com as discussões em torno da pandemia de HIV e aids me ajudaram a encontrar caminhos possíveis para pensar em existências, resistências e re-existências nestas novas existências virais que se apresentavam. O movimento social de HIV/aids, através das mais de quatro décadas de luta pela vida, em defesa de um sistema de saúde público e universal, atuando no combate do estigma e na promoção de possibilidades que garantam qualidade de vida às pessoas afetadas pelo HIV e pela aids, apresentou diversas respostas efetivas em torno da pandemia de covid-19. Reflexões como a quebra de patentes de medicamentos e vacinas, garantia de tratamento gratuito para todos e atuação em torno das populações mais vulnerabilizadas ao adoecimento

³ Inspirado na música Boas Novas, de Cazuzza.

⁴ Sobre estas questões de vida e morte da pandemia, sobretudo do luto e da luta cotidiana, escrevi, juntamente de Lúcia Estevinho, o texto *Cartografias de vida-e-morte em territórios pandêmicos: marcas-ferida, necro-bio-políticas e linhas de fuga* (SALES; ESTEVINHO, 2021).

⁵ Escrevi, junto do UIVO: Matilha de estudos em criação, arte e vida, o texto *Tricotando janelas: encontros e desencontros à espreita de um pesquisar*, que narra possibilidades de acolhimento e fortalecimento coletivo pelas telas e janelas compartilhadas em um grupo de pesquisa (SALES et al, 2020).

foram propostas por diversos grupos que historicamente atuavam na luta contra a aids. Por meu encontro com estes coletivos, me infectei de inspirações e mobilizações, pensando em saídas possíveis neste novo território pandêmico que se apresentava.

Nos meses que se seguiram, a casa tornou-se refúgio e também território de atrito. Meu corpo adaptava-se às tantas modulações que foram sendo pedidas – por mim, pelo contexto em que estava inserido –, porém me encontrava intensamente sugado pelo estresse constante, demandando outras práticas de cuidado e de resignação. Terminei um relacionamento de anos, e, logo em seguida, meu pai se infectou e morreu em decorrência da covid-19. Vivi, talvez, o ápice da pandemia nesses momentos, em um luto sem fim que, na verdade, era uma mistura de tantos lutos que eu não conseguia dar um nome.

Estes processos de lutos, em territórios novos e desconhecidos, demandaram estratégias para a preservação da minha vida. Muitas dessas ferramentas eu que eu duvidava que conseguiria criá-las e, quiçá, colocá-las em prática. Fui aprendendo a transcender, ressignificar, digerir e expurgar tudo isso que se atravessava para mim, mesmo em solidões físicas, em distâncias de pessoas queridas e seus abraços que, em muitos momentos, me deram força. Os livros – sobretudo de literatura e filosofia – e *lives* permearam a minha vida, preenchendo meu tempo, como companhias “de verdade”, em presenças entre ausências. Junto de Bernardo Soares, no Livro do Desassossego, fui encontrando algumas pistas para expurgar esse enjoo que me corroía. “Tenho a náusea física da humanidade vulgar, que é, aliás, a única que há. E capricho, às vezes, em aprofundar essa náusea, como se pode provocar um vômito para aliviar a vontade de vomitar” (PESSOA, 2019, p. 48). Precisava vomitar. Mas como expurgar essas toxinas que me envenenavam?

Um caminho para sobreviver nestes trajetos foi escrever. Em diversos momentos, as escritas vinham, em uma velocidade e força que eu não compreendia. E demandavam sua vazão, em um fluxo vital, expurgando um veneno que me consumia. Suely Rolnik mobiliza uma escrita feita pelas marcas, e em sua potência de curar feridas:

Eu dizia que escrevo por necessidade. Considero que a escrita “trata”. Me explico: além do trivial caseiro do desassossego que a move e a faz criar um mundo onde encontramos um novo equilíbrio, a escrita tem um poder de tratamento em relação àquilo que chamo de “marcas-ferida”. Refiro-me a marcas de experiências que produzem em nós um estado de enfraquecimento de nossa potência de agir que ultrapassa um certo limiar, uma espécie de intoxicação. Uma marca deste tipo permanece portadora de um veneno que pode a qualquer momento vir a se espalhar e contaminar tudo. Ora, a escrita, enquanto instrumento do pensamento, tem o poder de penetrar nestas marcas, anular seu veneno, e nos fazer recuperar nossa potência (ROLNIK, 1993, p. 247).

Encontrei na prática de escrever, quando sentia vontade, ou melhor, quando era para ela convocado, uma possibilidade de expurgar os venenos advindos de territórios hostis, traumas e a presença tão próxima da morte, mesmo que virtualmente. Sobre o ato de escrever, Gilles Deleuze (2013, p. 183) afirma que “no ato de escrever há a tentativa de fazer da vida algo mais que pessoal, de liberar vida daquilo que a aprisiona”. Liberei a vida que estava presa, expurgando venenos, dando passagem para afetos, colocando-me em movimento de criação e resistência, pois, como afirma Deleuze, “criar não é comunicar mas resistir” (2013, p. 183).

Muito tenho escrito desde o começo de 2020, em um desejo de materializar um pouco do que me atravessa, me move e também auxilia a lidar com a minha realidade, entendendo o que estou vivendo e atuando ativamente na criação de realidades outras. Uma mistura entre verdade-e-ficção, em delírios com os pés no chão, ou pelo menos tentativas de.

Decidi fazer, neste texto, um arquivo de algumas escritas que mobilizei no fim de 2020 e começo de 2021, como processos dessa longa e dolorosa travessia que tenho feito pelos territórios pandêmicos. Assim, selecionei para este arquivo treze escritas poéticas que se fizeram de forma livre, as quais não me prendi em formas e estéticas canônicas, mas utilizei-as como vazão aos afetos que me atravessavam nesta cartografia pandêmica. Abaixo do título de cada uma, registrei a data de quando foram inicialmente mobilizadas.

O meu encontro com a Filosofia da Diferença e, em especial, com os textos dos filósofos franceses Gilles Deleuze, Félix Guattari e Michel Foucault, juntamente do conceito de necropolítica proposto pelo filósofo camaronês Achille Mbembe (2018) e das cartografias da psicanalista brasileira Suely Rolnik atravessam minhas vivências materializadas em palavras. São tantas vozes que participaram destas escritas, nutrindo-me em afetos, movimentando-me em forças criativas e produtivas. Os resultados dessas polifonias foram escritos criados pelo corpo todo, produzidos em vazantes, de acordo com a sua necessidade, permitindo que meus desejos-palavras pudessem ser livres, como na música *O seu amor*, de Caetano Veloso e Gilberto Gil, na voz de Caetano, Bethânia, Gal e Gil.

Poéticas virais⁶

⁶ Muitas vozes permeiam estas escritas e decidi não pausá-las com notas e citações. Mas, percebo ser importante demarcar que músicas como *Nada será mais como era antes*, de Lucas Silva de Silva e Lúcio Silva de Souza; *Marcas do que se foi*; *Como uma onda*, de Nelson Motta e Lulu Santos; *Preciso me*

Entender e respeitar a finitude das coisas

17/12/2020

É muito difícil entender e respeitar a finitude das coisas, eu disse
Mas depois de dizer, já não sei mais se é tão difícil
Complexo, eu sei que é, mas difícil?
Será?

F.i.n.i.t.u.d.e

Fim da atitude

Fim de um período

Fim... de algo que era vivo

E continua vivo em outros campos

Ou, às vezes, apenas morre

Para sempre

Ou para (re)nascer em outro momento

Por que é tão difícil entender a finitude das coisas?

Como respeitar a finitude das coisas?

Eu quero viver a finitude das coisas?

Não quero, mas preciso!

Mais do que precisar, não tenho saída

Pois se até minha vida terá um fim

Assim como a sua

E a de nossos pais

Nossos animais

Nossas plantas

As plantas que nos alimentam também tem um fim

Precisam, muitas vezes, morrer para que outros possam nascer

Tudo tem um fim

encontrar, de Agenor de Oliveira; *Epitáfio*, de Sergio Affonso e Eric Silver; *Divino Maravilhoso*, de Caetano Veloso e Gilberto Gil; *Tão bem*, de Lulu Santos, *Como nossos pais*, de Belchior; *Prelúdio*, de Raul Seixas, dentre outras canções estiveram presentes nas inspirações destas linhas que se seguem. As leituras de diversos livros – como o Livro do Desassossego, de Fernando Pessoa (2019) – permearam minhas escritas e experiências pandêmicas.

E assim eu pergunto mais uma vez

Por que é tão difícil entender e respeitar a finitude das coisas?

Algumas pistas me levam a pensar no meu apego

Na vontade de guardar caixinhas de memórias

E momentos

E lembranças

E desejos

E potências

E dores também.

Sim, também guardo as marcas

E mantenho algumas feridas abertas por muito tempo

Talvez numa teimosia de não deixar ir

Na insistência de perseverar

E fazer durar mais, e mais, e mais...

Tumor que cresce descontrolado

Acumulação de capital?

Capitalização da vida, do desejo, do tesão,

Da dor e delícia de ser o que é...

D~e~s~a~p~e~g~a~r

Deixar ir

Deixar passar

Como uma folha que cai na terra, decompõem e vira adubo

Ou um cachorro atropelado em beira de rodovia, cujos restos são devorados por abutres

ou apodrecem causando mal cheiro aos bordéis, prostitutas e caminhoneiros que lá se

aglomeram

I_m_p_e_r_m_a_n_ê_n_c_i_a

Nada será mais como era antes

Nada do que foi será de novo do jeito que já foi um dia

Nada mais

Nada menos

Quero tudo

E sei que não posso ter

Então como respirar nessa ânsia de deglutir tudo para vomitar depois?

Deixe-me ir, preciso andar

Rir e chorar

Quero rir e chorar, pois rir para não chorar é esconder minha vontade pelo choro

Vontade de vomitar lágrimas pelos olhos

E gritar palavras que não consigo dizer em alto som

Como dói resistir à mudança

Como seria mais leve apenas aceitar e deixar ir – sonho? Utopia?

Talvez, dando vazão à impermanência, alívio um aperto no peito que dói

E angustia

Na incerteza do amanhã

Apenas sinto,

Nas formas que aprendi a sentir,

Tentando, minimamente, me abrir para o novo

E que este novo me ensine a ser um pouco diferente hoje

Pois, talvez, ser o mesmo já não comporte mais o que cabia dentro de mim...

Não tem como fugir do sentir

12/2020

Você pode até tentar

Mas não tem como fugir do sentir

O que se sente, sente-se com o corpo todo

E quando não vivido e sentido em profundidade, vira outra coisa

Dor de barriga, dor de cabeça, dor de garganta

Angústia, torcicolo, insônia, dissabor

Talvez, uma das maiores sabedorias da vida, seja aprender a sentir as coisas no seu tempo

Até porque, quando não se vive em um tempo, se vive em outro

Tempos...

Em quais tempos tenho vivido?

E nesses tempos, existem várias formas de sentir algo:

Gritando

Rindo

Chorando

Desabafando

Guardando para si

O que você faz com seu sentir?

O que você faz para sentir?

Acolhe

Respira

Bota pra fora

Escreve

Rasga

Coloca fogo

Grita!

Ria!

Mas não minta para si

Não tem como fugir do sentir

Nossa vida é o que sentimos

O sentir é viver

Não sentir é impossível

Ou se sente de um jeito que alivia

Ou que aprisiona – sem cair na demagogia de binarismos

Então fica a questão

Como viver

Um dia de cada vez

A arte de sentir

Sendo honesto consigo

E agir

Para navegar no temporal que é

Viver?

Quando o amor acaba sem acabar

31/12/2020

Quando o amor acaba sem acabar

Nos resta seguir

Nos resta sonhar

Mas não sonhar profundamente demais:

Sonho profundo é mergulhar na ilusão de uma vida que morreu

Ou adormeceu?

Quando o amor acaba sem acabar, na verdade, não acabou nada do amor

O amor continua vivo

Acabou o relacionamento

Acabou o tesão

Acabou a sintonia

Acabou a comunhão?

Acabou a comunicação

Acabou tanta coisa na medida em que continua tudo

Tão vivo...

E dói

Dia após dia

Dói

Dói pela saudade de algo que não existe mais

Dói pela lembrança de algo que nunca nem existiu,

Talvez

Mas que continua persistindo nas memórias

Povoados, contaminados, por mentiras, medos, saudades

Ilusões

Expectativas

Decepções

Lembranças, vivas

Aversões

Marcas do que se foi

Marcas que continuam vivas

Marcas...

Vibrando no corpo

Corpo-vibrátil

Coração partido em cavidades

Surrado, abatido

Pulsando, cheio de vida

Dolorido, pensativo

À espreita de um novo amor

Mas completamente machucado: precisa descansar

Vontade de amar

Sensação de solidão

E o tesão cede espaço

Para a percepção

De quão sozinho se é

Sozinho me deito

Sozinho me levanto

E assim sigo

Nesse marasmo caótico

À espera de superações que pareciam já alcançadas

Percebo que não: a vida do outro continua pulsando em mim

Vírus que percorre meu sangue

Micropartículas de desejo

Do passado que continua vivo

Quando o amor acaba sem acabar

Nada acabou

E mesmo assim...

Nada do que foi será de novo do jeito que já foi um dia...

Ânsia por ar

01-03/01/2021

A ansiedade toma conta do meu peito
Um enjoo, tontura, confusão
Milhões de pensamentos preenchem a minha cabeça
Em um turbilhão

Será que vou dar conta?
Será que tem jeito?
E o desespero me confunde, deixa cego, surdo e mudo
Preso dentro de mim, na minha confusão
Com um medo imbecil,
Cirene quebrada
Que insiste em me dizer que tem perigo onde, na verdade, o perigo sou eu

Respiro
Escrevo
Tento materializar o que sinto
Botar para fora o que me angustia
Numa ânsia por ar
Na tentativa de acalmar
De estabilizar
De, no desequilíbrio, encontrar uma fuga
Um refúgio temporário
Para depois, quem sabe, seguir um caminho

Sentir e projetar

Madrugada de 03/01/2021

Uma coisa que eu sinto e, às vezes, me inquieta
É a sensação de projetar o que eu sinto no outro
Será que projeto? O que é projetar?

Falar no plural o que estou sentindo é fugir do que me passa?

Como separar o que vivo do que o outro vive?

Estou delirando? Estou me perdendo?

Estou me encontrando ou me conectando?

O que me separa do outro?

O que me faz outro?

E mais: como parar de projetar?

Como dar um tempo da paranoia de achar que o que acontece comigo aconteceu ou acontecerá também com o outro?

Fugir disso é escapar de uma bola de neve que cresce sem fim

E assim buscar a leveza – seria possível?

Chego a sentir que o que me conecta com o outro é também o que me impede de entendê-lo

Me sinto confuso

Me sinto perdido

Só sei que assim

Continuo sentindo

Em projeções

Percepções

Em delírios coletivos

Dentro da minha cabeça

Em conexões

No coletivo de minhas experiências

Me aproximo e distancio de mim, e do outro

Em um estado difuso, confuso, turbulento

Onde o sentir ganha corpo, forma e movimento

Escrevendo eu penso, sinto e organizo esse caos

Na tentativa de, quem sabe, me entender melhor

E também entender o outro – possível?

Sentir e projetar, seriam indissociáveis?

O que será que é projetar? Seria diferente do sentir? De fazer um outro dentro de mim?

Questões que deixarei para depois

Por enquanto, escolho continuar a sentir, mas não demais!

É preciso um pouco de paz para seguir caminhando...

O peso da espera

24/01/2021

Já não sei há quanto tempo espero

Pela volta de um normal que não existe mais

Oito ou nove meses

200 ou 300 dias

Horas incontáveis

Tantos estresses

Um contato tenebroso com a morte

E agora, quando parece tão perto do fim

Me encontro em um caos-sem-fim

Caos-incerteza

Caos-distância

Caos-governo

Caos-necropolítica

Caos-sem-vacina

A vacina que, de tão distante, chegou ao meu vizinho

Não tem previsão de chegar até mim

Ou tem?

Terceira, quarta, quinta fase?

Quando?

A desesperança me consome

Talvez, mais do que nunca, eu precise abandonar essa esperança

Pois, de tão desgastada, ficou caduca

E não cabe mais no agora

Esperançar como Paulo Freire?

Viver na desesperança, como Bernardo Soares, no Livro do Desassossego de Fernando Pessoa?

Desassossego, meu grande companheiro nesses trajetos pandêmicos

Cansado de me reinventar, queria apenas me dopar

Dormir

E acordar em outro momento

Um momento mais seguro

O medo-vírus me infecta

Prolifera em todas minhas células

E consome o meu corpo

Tão perto e tão longe

Morrer na beira da praia?

Morrer sem ir pra praia?

Morrer duas semanas depois de ir pra praia?

Morrer...

Viver?

Será que o medo me faz mais mal que o possível mal-viral?

Será que tudo que eu defendi já não cabe mais?

Será?

Ser outro?

Outro drástico, irresponsável, egoísta?

Outro-humano

Voltar a frequentar bares,

Ir ao shopping com máscaras

Usar álcool em gel em festinhas

Com quinze-a-vinte-pessoas

Flexibilizar?

Que mal tem?

Quanto mais morrerão se eu flexibilizar assim?

Sobreviverei a essa flexibilização?

O que morre em mim sem flexibilidade?

O que morre com a flexibilidade?

Sem ela, morro a cada dia

Com ela, posso morrer de covid ou matar alguém ao transmitir o Sars-Cov-2

Caminho do meio?

Encontrar dois amigos por semana?

Transar com uma única pessoa?

(Maldita monogamia, tão valorizada aqui)

Ir ao parque de máscara,

Barzinho com distanciamento, uma vez no mês

Aguenta mais antes de ir pra praia

Tá quase lá, Tiago

Entre grupos prioritários,

Relações diplomáticas,

Medos e delírios,

Escolho viver

Eu não vou morrer.

EU NÃO VOU MORRER!

**GRITO EM VOZ ALTA QUE MINHA VIDA CONTINUARÁ FIRME E FORTE EM
MEIO À ESTAS TORMENTAS!**

É um grito-e-pedido-de-socorro

Para sobreviver a tanta dor

Dor minha

Dor do outro

Dor de 215 mil famílias, só no Brasil

Dor da espera

Dor que pesa

E a pressa
Que consome
Desestabiliza
Fere
Raxa
E me leva a um lugar que agora é inevitável:
O da mudança.

Para sobreviver,
Já preciso procurar outros caminhos...

Procurar ou construir outros caminhos

24/01/2021

Escrever em meio à náusea provocada pelo cansaço é procurar outros caminhos?

Escrever é criar um caminho?

Escrever é um caminho?

Depois de tanto tempo, me pego exausto

Esgotado e cansado

No cansaço, preciso descansar

Expurgar

Quiçá, aprofundar nessa náusea e vomitar

No esgotamento, ou sucumbo, ou me abro à procura de outros caminhos

Pois os caminhos no qual ando trilhando já não me comportam mais

Errando, sigo

À espera de um retorno

Mas, chego a pensar que me encontro em um ponto-de-não-retorno:

Não existe mais volta

Aqui e agora

Em frente

Enfrente

Com a coragem de alguém que reconhece a minha fragilidade

Preciso encontrar, dentro de mim, a força de ser frágil

E a sabedoria que a fragilidade carrega de, ao ser flexível, me transformar

Seguir em frente enfrentando cada dia

Numa incerteza sem fim

Em um dilema que não cabe mais dentro de mim

Meses sem ver amigos

Um pai morto

Dezenas de conhecidos, infectados e curados

Mas os seus parentes, não posso dizer o mesmo de todos

E agora, o que fazer?

Será que o meu corpo suporta mais um ano isolado?

Será que o meu corpo suporta o vírus?

Será que o acaso vai me proteger enquanto eu andar distraído?

Ou, nesses territórios virais, a única saída seja andar atento e forte?

Existe tempo pra temer a morte?

Seguir caminhando também é procurar novos caminhos

É o que me resta

É o único caminho: seguir

Após algumas pausas, seguir

Seguir falando

Seguir pensando

Seguir sentindo

Seguir pulsando

Seguir escrevendo

Seguir lendo

Seguir chorando

Seguir abraçando?

Abraço cerceado

Mas o afeto continua liberado

Para tocar

Vibrar

O corpo nos encontros

Permeados de regras, sim

De limites higiênicos

Higienistas

Mas contagiado pelos afetos necessários para se mover

Talvez, para seguir, precise aceitar esses afetos

Entender que, mesmo sendo clichê, está tudo bem não estar tudo bem

Tudo bem estar tudo mal

Quem não tá mal, não tá normal

Tá todo mundo mal

Não tem remédio

Não tem jeito

Tem vacina

Mas tem que esperar

Seguir caminhando é preciso

Pois se o vírus é perigo, se entregar é morte-certeira

Escolho viver

Escolho seguir

Respiro e grito:

ESTOU VIVO!

E assim permanecerei!

Sobre-viver

25/01/2020

Sobrevivi a 2020

Em 2021 quero viver

Como viver nestes tempos de luta pela vida?

Lutar pela vida é viver ou sobreviver?

Cansado, sozinho, perdido

E sem errar de bar em bar

Eu vou sobrevivendo dia após dia

Mas, nas distâncias

As esperanças se esvaem

Sobre-viver

O que dizer sobre viver?

Sobrevida. Sobreviva?

Uma voz me chama para sobreviver

Outra voz me diz que tenho sobrevida

A que me chama sou eu, é a voz da vida

A que me diz é perversa, é a voz do controle

Sobreviver à necropolítica

Contornar o caos que dissolve toda noção de segurança

Aprender a nadar no escuro

A andar na montanha em meio à noite

Viver é também passar por momentos em que a prioridade é sobreviver

Mas apenas sobreviver não é viver

É sobrevivencialismo

Viver é mais!

Sobreviver à perda de sentido

Ao deserto que se coloca e confunde tudo

Que da desesperança, leva ao desespero

Sobrevida

Sobreviva

Vida viva...

Viva a vida!

Fugir da biomedicalização?

01/2021

Relação tênue de dor e delícia com a bio-medicina

Flertes entre desejos e imensas insatisfações

Exames, pílulas, vacinas

Vacina?

Desejo

Desejo de poder

Dores e sintomas sem explicação

Escrutínio do corpo em procuras intermináveis

Desejos de procura

Desejos de vida

Desejos de controle?

Desejo-poder-biomédico

Desejo-fuga

Flertes em perigos...

Acreditar, desacreditar, querer acreditar

02-03/02/2021

Às vezes eu sinto que, bem lá no fundo, eu não acredito em nada

E um niilismo infinito me preenche

Desesperança? Tristeza? Dor?

Um aperto que me desassossega e me dá vontade de desistir

E permanecer quieto

Contemplando os vazios que habitam em mim

Nessa descrença, um desejo anda feito larva

Desejo acreditar

Desejo querer acreditar

Desejo desacreditar da descrença

Fuga? Suspiro? Esperança?

Talvez ainda tenha jeito...

Muitos jeitos... Talvez...

Quero acreditar que sim

Infeção

Madrugada de 03/02/2021

Sutil encontro

Membranas

Gotículas

Contatos

Em milésimos de segundo, mudança de cenas

Outras cenas

Outras figuras

Outras... vidas?

Penetrando um corpo

Corpos em comunhão

Combustão descarrilando em dor

Desestabilizando todo um mundo

A partir de um sutil contato

De um encontro efêmero

Que perdura

Ad eternum?

Até que a morte os separe?

Para sempre diferentes

Amém.

Mil estrelas

23/02/2021

Hoje a cidade ficou mais triste

A terra gentil só anda reluzindo lágrimas de lutos que se somam rapidamente,

amedrontando até os negacionistas

Com doze mortes hoje, ficamos (quase) todos mais tristes

Em dias de desespero e leitos zero

Os zero à direita aumentaram nas contas da cidade
Alcançamos a horrível marca dos mil mortos
Notificados.
Quantos nem estatística viraram?
Nessa noite olho o céu
Vejo algumas estrelas em meio ao toque de recolher
Estrelas que brilham no céu
Mesmo com a cidade acordada e iluminada
Mas presa dentro de casa
Às dez da noite
Seriam essas estrelas os mais de mil que se foram?
Cada um virou uma estrela?
Penso em cada um não como número, mas como rosto
Sorriso e lágrima
Dor da doença, hospitais, tubos, sacos e enterros sem velórios
Mas, mais do que essa marca da morte, cada um teve uma vida inteira antes
Algumas maiores, outras nem tanto.
Tiveram os seus sonhos, medos, dores e delícias.
Amaram e foram amados.
Continuam vivos nos corações dos que ficam!
No brilho das estrelas que sorriem em uma noite de medo, tristeza e solidão
Trazendo um pouco de calma e, quem sabe, esperança para um corpo cansado.

Travessias

30/07/2021

Sinto que é tempo de esperar
Ainda há perigo na esquina
Mas há um mundo por vir
(Sempre houve, talvez)
E está a chegar!

A primeira dose já veio
A segunda logo vem

Se precisar de terceira, quarta
Me sinto pronto!

Vislumbro um mundo outro
Delírios? Sonhos? Utopias?

Acredito... Quero acreditar...
Sinto que é tempo de fazer planos
De tirar os sonhos das gavetas
E buscar caminhos possíveis para realizá-los
Sonho que se sonha junto não é utopia
É realidade!

Essa minha esperança, mesmo que pareça ingênua, é permeada de muita força
Força da minha vida que tem resistido
Força da minha raiva e indignação pelas mais de 550 mil mortes, apenas no Brasil,
E quase três mil na minha cidade
Força pelo desejo de ver o fim dessas políticas de morte

Força pelo desejo...
Força-desejo, movimento de vida
Desejo de ir para as ruas protestar
De encher a casa com amigos
De povoar camas
De me povoar
De ser outro
Outros...
De me envolver em corpos
Em braços, abraços, bocas, contatos
Desejo em fluxos
Revolucionários
Revoluções pelos desejos
Em forças

Potências

Destrutivas

E também produtivas

Eu acredito

Será?

Quero acreditar

É possível...

Aqui e agora.

Vamos juntos?

Travessias... Por vir...

A travessia é o lugar da incerteza, da não evidência, do estranho. E isso não é uma fraqueza, é uma potência
Paul B. Preciado (2020, p. 32)

O filósofo espanhol Paul B. Preciado, ao cartografar a sua travessia de gênero, tornando-se uma pessoa trans, pensa na potência que este movimento-lugar chamado de *travessia* possui, ao ser deriva entre territórios, ao estar no meio, em mudança. Viver a travessia também é desejar atravessar, é querer mudar, migrar. “Atravessar é ao mesmo tempo saltar um muro vertical infinito e caminhar sobre uma linha traçada no ar” (PRECIADO, 2020, p. 33). Mesmo que em experiências completamente diferentes das vividas por Preciado, tenho tentado fazer como ele neste movimento: “Entreguei-me à travessia” (PRECIADO, 2020, p. 33). Entreguei-me, ou pelo menos tenho assim tentado. “A travessia exigia ao mesmo tempo flexibilidade e determinação. A travessia exigia perdas, mas as perdas me forçavam a inventar a liberdade” (PRECIADO, 2020, p. 36). Quais liberdades tenho conseguido inventar ao longo desta longa travessia?

Mobilizo estas travessias que tenho vivido, não como escritas e reflexões autobiográficas que se limitam em minhas vivências e experiências, mas como acontecimentos que permeiam corpos outros, tanto em microesferas, nos desejos e nas pequenezas, quanto em escalas macro, a nível global, na percepção das conexões transnacionais que nos permeiam e, de tantas formas, impactam nossas vidas, nos trânsitos mundiais entre tecnologias, corpos, seres vivos, internet, vírus...

Hoje, em julho de 2021⁷, tento novamente me preencher com esperanças e forças, vislumbrando territórios outros em que, quem sabe, a pandemia-covid-19 se mostre controlada e possamos lutar pelo fim de tantas outras facetas do vírus-capitalismo-neoliberal que, a todo momento, tenta cafetinar nossa força vital, nosso desejo e nos aprisionar, como refletiu Rolnik (2018). Existiriam saídas?

Talvez o mais perigoso não sejam os vírus biológicos, mas sim os seres humanos que manipulam, através de (bio)políticas, o impacto e disseminação viral. “Para mim, se considero, pestes, tormentas, guerras, são produtos da mesma força cega, operando uma vez através de micróbios inconscientes, outra vez através de raios e águas inconscientes, outra vez através de homens inconscientes” (PESSOA, 2019, p. 87). Inconsciências... (Será?) Posturas estatais, políticas de gestão da vida, e também da morte. Forças...

Saídas?

Acredito eu que as saídas estão para serem criadas, diariamente. Nos territórios pandêmicos, penso que uma grande força habite justamente no que mais nos dá medo: no vírus e em suas sabedorias de contágio. Santiago Diaz, ao pensar na pandemia de covid-19 e nas pedagogias moralizantes e higienistas nela engendradas, propõe pensarmos em uma contra-pedagogia do contágio:

A potência contra-pedagógica do vírus é trazer-nos este antigo saber: que a vida prolifera heterogeneamente entre os corpos, entre as espécies, entre os “reinos”, que compõem a infinita e inalcançável presença contemporânea do vivente. Sua memória é um grande corpo aberto que se erotiza e engendra sem responder a ordens prévias ou protocolos coitais. O vivente é um grande Corpo Sem Órgãos que não cessa de sustentar a intermitência germinal de sua própria condição: abundar em conexões dissimilares, esquivas, diversas, inesperadas. O vírus é seu sêmen / óvulo mais fértil (DIAZ, 2020, p. 171).

Nesses aprenderes com o vírus, na longa travessia que tenho feito, percebo, cada dia mais, que a força capaz de manter-me vivo habita nos encontros, nos outros, nos contatos e em seus contágios subjetivos, na força dos afetos e no cultivo de um corpo que permaneça poroso para afetar e ser afetado. Talvez, este seja um dos maiores ensinamentos da pandemia: a complexidade e, ao mesmo tempo, a necessidade de manter-se aberto aos afetos, de perceber-se finito, de valorizar os encontros, reconhecer a vida que habita nos outros e, em mim também.

“O pensamento se dá sempre por contágio, a educação também, nossa micropolítica fecunda é contagiosa, a revolta e as dissidências são contagiosas...” (DIAZ,

⁷ Momento de agenciamento inicial deste arquivo.

2020, p. 171). Então, finalizo este arquivo-ensaio da travessia com o desejo de mais encontros, o sonho de novas curas, de vacinas que nos imunizem para os vírus biológicos, e, sobretudo, a vontade de que não nos fechemos para a capacidade de afetarmo-nos, uns aos outros, de misturarmo-nos: a vida é mais forte nos contágios afetivos que vivemos, coletivamente, em matilhas, pelos encontros, pelas micropolíticas desejosas, em suas microrrevoluções possíveis. E, assim, resistir, re-existindo diariamente, encontrando formas de escapar às tramas que nos aprisionam: “Escapar sonhando curas, desejando vacinas, contaminando-se em vida e esperançando em forças. Escapar não como covardia, mas como enfrentamento: fuga em acontecimentos-virais, na criação de formas outras de existências, resistências e re-existências” (SALES; ESTEVINHO, 2021, p. 292). Aqui e agora, em movimento, na travessia.

Referências:

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 3ª ed. São Paulo: Ed. 34, 2013.

DIAZ, Santiago. Contra-pedagogia do contágio. **Ecós: Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, v. 2, n. 10, p. 169-172, 2020.

MACHADO, Renata de Moraes. “Velório express”: um olhar etnográfico sobre ritual fúnebre na pandemia do covid-19. **Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 270–274, 2021. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/revistam/article/view/10823>. Acesso em: 30 jul. 2021.

MBEMBE, Achille. **NECROPOLÍTICA: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. São Paulo: N-1 Edições, 2018. 71 p.

PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**. 2º ed. Jandira: Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda., 2019. 364 p.

PRECIADO, Paul B.. **Um apartamento em Urano: crônicas da travessia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. 317 p.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. 2. ed. São Paulo: N-1 Edições, 2018. 208 p.

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. **Cadernos de subjetividade**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 241-251, 1993b.

SALES, Tiago Amaral; ESTEVINHO, Lúcia de Fátima Dinelli. Cartografias de vida-e-morte em territórios pandêmicos:: marcas-ferida, necro-bio-políticas e linhas de fuga. **Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11,

p. 275–293, 2021. Disponível em:
<http://www.seer.unirio.br/revistam/article/view/10487>. Acesso em: 30 jul. 2021.

SALES, Tiago Amaral; VAZ, Tamiris; GARLET, Francieli Regina; ESTEVINHO, Lúcia de Fátima Dinelli; LOURENÇO, Keyme Gomes; BORGES, Nicole Cristina Machado. Tricotando janelas: encontros e desencontros à espreita de um pesquisar. **ALEGRAR**, Campinas, v. 26, ago./dez., p. 375-392, 2020. Disponível em: <https://alegrar.com.br/dossie-26-44/> Acessado: 20 dez. 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020. 32 p.